

a escolha

legado do coração de dragão | livro três

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para Griffin,
o nosso menino mágico

PRIMEIRA PARTE

✦ PERDA ✦

*Dai a palavra à dor; a tristeza que não fala
Murmura no coração angustiado e fá-lo quebrar-se.*

— William Shakespeare

*A Terra sentiu a ferida, e a Natureza desde o seu seio,
Gemendo através de todas as suas obras, deu sinais de desgraça,
De que tudo estava perdido.*

— John Milton



PRÓLOGO



Desde o início dos tempos que os mundos dos homens creem na sua singularidade. Os que acreditam e aceitam que não estão sozinhos na vastidão tendem a considerar-se superiores aos que a partilham.

Estão errados, evidentemente, pois os mundos dos homens não são nem singulares nem superiores. São como são, simplesmente.

De entre tantos mundos giratórios, alguns proclamam paz mesmo enquanto fazem soar os tambores da guerra. Que os façam soar com uma insaciável ganância por poder sobre os demais, por terras, por recursos e riquezas em nome da sua divindade de eleição raramente é visto como algo errado, ou mesmo irónico.

É assim, simplesmente.

Nalguns mundos, a divindade é a própria guerra e o seu culto é sangrento e feroz.

Existem mundos onde grandes cidades se erguem de areias douradas; outros onde palácios cintilam sob as profundezas de mares azuis. E outros ainda que se esforçam por ter vida a partir de uma mera centelha na escuridão.

Quer os habitantes de um mundo escalem as altas montanhas quer nadem nos oceanos, quer vivam em grandes cidades quer se aglomerem em torno de uma fogueira na floresta, quer toquem os tambores quer embalem o berço, todos possuem um objetivo em comum.

Existir.

Num desses mundos, há muito tempo, coexistiam homens, feéricos e deuses. Nesse mundo cresciam cidades e palácios, lagos e florestas. As montanhas alçavam-se nos céus, os oceanos corriam profundos. Houve um tempo em que a magia brilhava sob sol e lua.

As guerras sucediam-se. Numas prosperava a ganância. Noutras, a sede de poder nunca era saciada, nem mesmo com o sangue quente dos derrotados

na garganta. Um deus obscuro, louco por poder, sorvia avidamente de homens, feéricos e outros, e foi expulso desse mundo.

Mas não seria o desfecho.

À medida que a roda do tempo girava, como tem de ser, as serpentes da desconfiança e do medo infiltravam-se na harmonia que reinava entre homens, deuses e feéricos. Para alguns, o progresso a qualquer custo substituiu o vínculo entre a magia e os homens, e a idolatria do poder sobrepôs-se à devoção outrora prestada aos deuses.

Chegou então a hora de escolher: afastar a magia ou preservá-la, abandonar os velhos deuses ou respeitá-los. Os feéricos decidiram afastar-se do mundo dos homens, da desconfiança e do medo que faziam com que fossem queimados na fogueira, caçados em florestas, condenados ao machado.

E assim nasceu Talamh, um mundo dentro de outro mundo.

Os mais sábios e clarividentes criaram portais de passagem entre os mundos, pois, segundo a lei de Talamh, todos tinham a opção de ficar ou partir. Ali, naquela terra de colinas verdejantes e altas montanhas, de florestas e oceanos profundos, a magia desenvolvia-se e, sob o comando do líder — que era escolhido e escolhia —, a paz reinava.

Mas não seria o desfecho.

O deus obscuro tramava no seu Mundo Sombrio e formou o seu exército de demónios e condenados. Com tempo e sangue derramado, conseguiu reunir o poder suficiente para atravessar o portal e entrar em Talamh. Ali cortejou uma jovem bruxa, que havia sido escolhida e escolhera ser *taoiseach*, e cegou-a com amor e mentiras. Ela deu-lhe um filho e, em segredo, enquanto a mãe estava sob o efeito de um feitiço de sono, ele absorvia poder do bebé, noite após noite.

Mas o amor de uma mãe encerra grande magia e, assim, ela acordou daquele sono forçado. Quando tudo acabou, ela considerou-se indigna de liderar como *taoiseach*, por isso voltou a lançar a espada para dentro do Lough na Fírinne e deu o bastão àquele que emergiu com a espada da água.

Assim, a paz voltou a reinar e o seu filho cresceu na tranquilidade das colinas verdejantes e das florestas profundas de Talamh. Um dia, com um misto de orgulho e tristeza, ela viu-o levantar a espada do lago e assumir o seu lugar como *taoiseach*.

Sob a sua liderança, a paz reinava; a justiça era feita com sabedoria e compaixão. As culturas prosperavam e a magia desenvolvia-se.

Quis o destino que ele conhecesse e se apaixonasse por uma mulher, filha

dos homens. Por escolha sua e dela, levou-a para o seu mundo através do portal e ali, com amor e felicidade, geraram uma filha.

A magia brilhava intensamente dentro dela e, durante três anos, a menina conheceu apenas o amor.

Mas a sede do deus obscuro não estava saciada e a sua fúria crescia a cada dia. Ajudado por uma bruxa que passara da luz para a escuridão, continuava a acumular poder através de sacrifícios de sangue e de magia negra.

Roubou a menina e aprisionou-a numa jaula de vidro submersa nas águas próximas do portal. Enquanto o pai, a avó e todos os guerreiros de Talamh cavalgavam, voavam ou montavam dragões para irem em seu socorro, ela, que só conhecera o amor, sentiu medo.

E esse medo, naquele ser tão luminoso, desabrochou numa fúria tão selvagem como a do deus. E com a fúria desabrochou o poder da menina, que atacou o deus que era do seu próprio sangue, da sua família.

A criança quebrou a jaula no momento em que os feéricos atacavam o deus e as suas forças. Mais uma vez, o deus foi expulso e abandonado sob as ruínas do seu castelo negro.

A mãe da menina, cujo medo humano havia gerado um preconceito que manchava o amor, exigiu levá-la para o mundo dos homens e que lá fossem apagadas as suas memórias da magia, de Talamh e de todos os seus habitantes.

Por amor à menina e à mãe, o pai aceitou e levou-as através do portal para viver com elas no mundo dos homens, regressando a Talamh, sempre que podia, por amor e por dever.

Mas embora o amor do pai pela menina nunca tenha diminuído, o amor entre a filha dos homens e o filho dos feéricos não conseguiu sobreviver e os esforços do último para viver em ambos os mundos retalharam-lhe o coração.

O deus ameaçou mais uma vez Talamh e os mundos além. E uma vez mais, os feéricos, comandados pelo *taoiseach*, defenderam-se. Os feéricos conseguiram rechaçar o deus, mas, com a sua magia negra e com a sua espada, o deus matou o filho que havia gerado.

Mais um período de luto e novo tempo de escolha.

Um jovem, que chorava o *taoiseach* como havia chorado o próprio pai, alçou a espada do lago e aceitou o bastão.

Enquanto o jovem se tornava um homem, um jovem que se sentava na Cadeira da Justiça na Capital ou que ajudava o irmão e a irmã na quinta que tinham no vale, que sobrevoava Talamh no seu dragão e treinava para a batalha que todos esperavam, a menina vivia no mundo dos homens.

Ali, com o medo e o ressentimento da mãe, foi ensinada a recuar e não a

avançar, a baixar a cabeça em vez de a levantar, a cruzar as mãos em vez de as estender. Alheia à magia, vivia uma vida discreta que lhe trazia pouca alegria. A sua alegria vinha de um amigo que era como se fosse seu irmão de sangue e de um homem que era sua mãe de coração.

Ela sonhava, às vezes com uma vida diferente, mas os seus sonhos eram maioritariamente turvos e sombrios. E no seu coração morava uma tristeza pelo pai que pensava que a havia abandonado.

Um dia abriu-se-lhe uma porta. Aquela mulher que havia sido tão rigorosamente ensinada a não arriscar, a não avançar e a não estender a mão fez uma escolha. Atravessou o oceano até à Irlanda, na esperança de encontrar o pai e a si mesma. Durante os seus passeios, descobriu um amor por aquela terra, pela sua vegetação, as suas brumas e as suas montanhas.

Numa pequena casa de campo junto a uma baía, explorou os sonhos de uma vida diferente e tentou alcançá-los enquanto tentava encontrar-se a si mesma. Um dia deparou com uma árvore embrenhada na floresta, que parecia crescer de um monte de pedras. Trepou os seus ramos longos e grossos... e assim saiu do mundo que conhecia e entrou no mundo onde havia nascido.

Ajudada pela avó que a amava e ansiava pelo seu regresso, pela fada que fora sua amiga na infância e pelo rapaz — agora um homem — que havia tirado a espada do lago, a sua magia e as suas memórias despertaram.

Ela soube da morte do pai e chorou-a. Soube do sacrifício da avó e amou-a. Descobriu os seus poderes e a alegria que lhe traziam. E, apesar dos seus medos, soube do seu lugar em Talamh e da ameaça do deus obscuro que era do seu sangue, por isso treinou-se para lutar com magia, espada e punho.

Enquanto as semanas se transformavam em meses, ela vivia em dois mundos, como o pai havia feito. Na pequena casa de campo perseguia os seus sonhos; em Talamh, aprimorava os seus poderes e treinava para o combate.

Permitiu-se amar aquele que estava vinculado a Talamh pelo dever e encontrou a coragem que usava como símbolo no seu pulso. Abraçou as maravilhas dos feéricos, as fadas aladas, a velocidade assombrosa dos elfos, a transformação dos transmorfos e mais.

Quando o mal chegou a Talamh, ameaçando tudo e todos, combateu-o com punho, espada e magia. Matou o que viera destruir a luz e dominou a mais negra das magias com essa mesma luz.

E assim se transformou no que estava destinada a ser.

Mas não seria o desfecho.



CAPÍTULO ÚM



Depois do que veio a ser conhecida como Batalha do Portal Sombrio, Breen permaneceu na Capital durante três semanas. Os primeiros dias foram dos mais dolorosos da sua vida, enquanto ajudava a tratar os feridos e a transportar os mortos dos campos de batalha cobertos de sangue e cinzas.

Abraçou Morena enquanto a sua mais velha amiga chorava copiosamente pela morte do irmão. Tomada por uma dor dilacerante, fez os possíveis por consolar os pais de Phelin, a sua mulher grávida, o irmão e respetiva família e avós.

Breen havia acabado de se lembrar dele, de o reencontrar passados tantos anos, e agora ele havia desaparecido, morrido enquanto defendia Talamh contra as forças libertadas pelo seu avô.

Esteve ao lado da família na Cerimónia de Despedida, apertando a mão esquerda de Morena, enquanto Harken lhe apertava a direita.

A dor da amiga atravessou-a como um *tsunami* no momento em que as cinzas de Phelin, e de tantos outros, sobrevoaram o mar em direção às urnas suportadas pelos entes queridos.

Abraçou Morena com força antes de a amiga e Harken voarem de volta ao vale. E, sentindo o seu sofrimento, viu Finola e Seamus, de mãos entrelaçadas, abrirem as suas asas antes de os seguirem.

Com Keegan ocupado com reuniões do conselho e patrulhas, Breen visitou os enlutados e absorveu tanto do seu desgosto que ficou admirada por não se afogar em lágrimas.

Ao cabo da primeira semana, incitou Marco a regressar à Casa dos Fééricos.

— Eu fico com a minha miúda — respondeu Marco, de maxila firme sob a barbicha.

Como já esperava essa reação, Breen havia-se preparado. Parados na ponte abaixo do castelo, contemplando o seu cão-d'água irlandês, *Trapalhão*, a nadar e a chapinhar na água, Breen enlaçou o braço no de Marco — o seu melhor amigo, pensou; alguém que sempre a havia apoiado e que nunca a abandonaria. E que havia provado isso mesmo saltando para dentro de outro mundo com ela.

— A tua miúda está ótima.

— Longe disso. Estás esgotada, Breen, a arcar com muita coisa.

— Toda a gente está a cooperar, Marco. Tu...

— Eu ajudei, claro. — Marco olhou para um campo, onde pessoas treinavam com espada, punho e arco. E recordou o sangue e os corpos que o haviam coberto.

Nunca esqueceria.

— Eu ajudei, — repetiu ele, — mas tu assumiste mais responsabilidade do que qualquer outra pessoa e assumiste-a aqui. — Deu umas pancadinhas no coração.

— Foi Odran quem fez tudo isto para chegar até mim. A culpa não é minha — disse ela, antes que ele pudesse falar. — A culpa não é minha, nem do meu pai, nem da minha mãe e nem da Nana. É toda dele. Mas isso não muda o facto de tantos terem morrido por Odran me querer; querer o que sou, o que tenho. Por isso, se eu puder atenuar um pouco do sofrimento, nem que seja por uns instantes, absorvendo-o, é isso que tenho de fazer.

Marco desenlaçou o braço do dela e abraçou-a.

— E é por isso que eu vou ficar.

— E é por isso que te peço para regressares. — Breen levantou uma mão, acariciou a face de Marco e fitou os seus carinhosos olhos castanhos, repletos de preocupação. — Eu também quero regressar, mas sinto que preciso de ficar mais algum tempo. Isso significa que não posso apoiar a Morena, a Finola e o Seamus. Eles são família para mim, Marco, e não estou lá para os apoiar.

— Já apoiaste, e eles sabem que agora estás aqui para dar apoio à mãe e ao pai do Phelin, à sua mulher e ao irmão.

— É por isso, em grande parte, que preciso de ficar. Vai e apoia a Morena e os outros por mim, Marco. Pelo vale. As nossas perdas foram imensas. Regressa com o Brian.

— Em primeiro lugar, o Brian parte amanhã de madrugada para oeste com o seu dragão. E nem penses que volto a voar num maldito dragão nesta vida, miúda.

Ela sorriu.

— Eu podia preparar-te uma poção calmante.

— Ora aí está uma ideia! — Marco revirou os enormes olhos castanhos.
— Voo num dragão, mas só se estiver pedrado. Francamente.

— E se fosses a cavalo? O Keegan vai enviar o Brian e um grupo de soldados para oeste, e alguns vão a cavalo. Tu gostas de montar. Que diabo, tu montas melhor do que eu, o que me deixa algo irritada. Seria menos uma preocupação, Marco. Juro por Deus que é essa a verdade.

— Deixa-me ver essa cara. — Segurou o rosto dela entre as mãos, olhou-a nos olhos e suspirou. — Raios, é mesmo verdade. Não me agrada deixar-te.

— Eu sei, por isso sei que estou a pedir-te algo difícil. Mas tenho o Keegan e o meu cão feroz.

Trapalhão saltou para cima da ponte e sacudiu-se alegremente, projetando água para todos os lados; os seus olhos bailavam. Mas Breen recordou a maneira como ele se havia lançado na batalha; recordou o sangue no seu focinho e o brilho guerreiro nos seus olhos alegres.

— E, por acaso, — acrescentou ela, — até sou uma bruxa bastante poderosa.

— «Bastante poderosa» é um eufemismo. Eu irei, mas tens de me prometer que me mandarás uma mensagem todos os dias, Breen. Senão nada feito. Manda um falcão, ou arranja outra maneira.

— Ontem fui à loja da Ninia Colconnan e comprei-te um espelho mágico.

— Compraste o quê?

— É uma forma de falar contigo. Além disso, é bonito. É como se estivesse a fazer uma chamada por Zoom. Eu ensino-te como funciona. — Breen passou as mãos pelos fartos caracóis ruivos. — Será um alívio para mim, a sério. Além disso, se o Sally ou o Derrick tentarem entrar em contacto conosco, não conseguirão e ficarão preocupados.

Breen havia calculado que usar Sally, a mãe do coração para ambos, seria uma boa tática para convencer Marco.

— Pois. — Marco enfiou as mãos nos bolsos. — Sim, tenho andado a pensar nisso.

— Então podes evitar isso, fazendo uma chamada por Facetime para Filadélfia quando chegares. E... — espetou um dedo na barriga do amigo, — ...vê se voltas ao trabalho, por mim.

Breen agachou-se, passou as mãos por cima de *Trapalhão* para secar os seus caracóis de reflexos arroxeados.

— E tu? Seguramente não tens escrito muito.

— Um bocadinho. — Breen deu um suave puxão na pequena barbicha

de *Trapalhão* antes de se levantar. — Não tenho conseguido trabalhar na próxima aventura do *Trapalhão*; neste momento, não sou capaz de escrever coisas alegres. Mas tenho trabalhado um pouco no segundo rascunho do romance para adultos. Agora tenho maior conhecimento das cenas de batalha.

— Oh, Breen.

Ela apoiou-se nele. Podia sempre apoiar-se nele.

— Tudo bem, Marco. Já falámos disso. Combatemos e matámos coisas más. — Olhou para ele com olhos cinzentos duros, os ombros direitos. — Quando chegar a hora, fá-lo-ei outra vez. As vezes que forem precisas até isto acabar.

Então, os olhos embrandeceram e ela segurou-lhe nas mãos.

— Anda, vou ajudar-te a fazer as malas e dar-te uma aula sobre espelhos mágicos.

Breen viu-o partir no meio da bruma da madrugada. O seu Marco, o urbana de gema, estava sentado na sela como se tivesse nascido numa. A alegre égua saltitava debaixo dele e Breen ouviu-o rir quando partiu a trote com os guerreiros, rumo a oeste.

Acima, um trio de dragões brilhantes como pedras preciosas à luz do amanhecer voava com os seus cavaleiros através de um cinzento céu de novembro. Um par de fadas voava atrás deles.

Batalhas e derramamento de sangue regressariam, por obra do derrotado deus Odran. O seu avô.

Mas Marco estaria a salvo, pensou ela; tão salvo quanto possível numa terra dedicada à paz e ameaçada por um deus decidido a fazer guerra.

E ele, o melhor ser humano alguma vez nascido, estaria com o homem que amava. Por agora, era tudo o que podia esperar.

— Vai correr tudo bem com ele. — Ao lado dela, Keegan via embrenharem-se nas brumas aqueles que havia enviado para oeste. — E fizeste bem em incitá-lo a partir.

— Eu sei. E sei que ele levará consolo ao vale. É importante.

— Sim, é importante. Tu também o farias. Quero-te aqui por... vários motivos, mas sei que terias um papel importante lá e que também encontrarias consolo.

— Não estou pronta para o consolo. — Breen observou-o atentamente; aquele homem, aquele bruxo, aquele guerreiro que agora amava e desejava, de quem precisava mais do que podia suportar. Forte e bem constituído, com

os seus cabelos escuros e a sua trança de guerreiro desalinhada. E nos seus profundos olhos verdes, conseguia discernir fadiga e raiva ao mesmo tempo.
— E tu também não.

— Não, não estou. Nem pensar.

— E com a passagem de Odran de novo vedada, não há ninguém para combater aqui e agora.

Ele olhou-a longa e friamente.

— Desejar a guerra é desejar a morte. Nós não somos assim.

— Não é isso que estou a dizer, Keegan. Tu treinas para a guerra porque Talamh e todos os outros mundos precisam de proteção e de defesa. Ensinaste-me isso, de maneira dura, deitando-me ao chão inúmeras vezes durante os treinos.

Ele encolheu os ombros e olhou para um dos campos de treino.

— Já não é tão fácil deitar-te ao chão hoje em dia.

— Tu contém-te. Detesto admitir que sempre o fizeste. Nunca serei um excelente espadachim nem um Robin Hood com um arco.

— São boas histórias, as do Robin Hood. E não, não serás.

— Nisso não te contém tu.

Ele sorriu ligeiramente e enrolou um dos caracóis dela em torno do dedo.

— Porquê mentir quando a verdade está à vista? Estás melhor do que eras.

— O que não é grande coisa.

— Estás melhor do que eras depois de teres melhorado. A tua magia é... formidável. É, e sempre será, a tua melhor arma. E isto? — Levantou a mão dela e virou-lhe o pulso para deslizar um dedo sobre a tatuagem.

— *Misneach*. «Coragem». A tua é tão firme como a tua magia.

— Nem sempre.

— É o bastante. Mandaste o Marco embora, negaste a ti mesma o seu consolo em benefício de outros. Isso é coragem. Preferias ir com ele, mas ficaste porque eu preciso de que fiques.

— Por vários motivos.

— Por vários motivos.

Os mais jovens reuniram-se no campo de treino; uns batendo as asas, outros com uma velocidade élfica e outros ainda a bocejar com sono.

Não era dia de escola, constatou Breen, pois em Talamh a educação era uma prioridade. Olhou para *Trapalhão* e para os seus olhos suplicantes.

— Vai lá.

O cão saiu disparado, ladrando com alegria.

— Não me perguntas quais são os motivos — salientou Keegan.

— Achas que estou mais segura aqui, contigo. A Shana tentou matar-me duas vezes e agora pertence-lhe. Ela agora pertence a Odran.

— Os portais estão todos guardados. Ela não pode atravessar. Não pode fazer-te mal.

— Ela não me matará.

Keegan semicerrou os olhos.

— Tiveste uma visão?

Ela abanou a cabeça.

— Sei que não lhe darei essa satisfação. E depois, há Yseult. Tentou capturar-me duas vezes... não para me matar, porque, ao contrário da Shana, não é doida varrida, como diz o Marco... mas para me levar a Odran. Da primeira vez, teria conseguido se não fosses tu. Da segunda vez, foi ali mesmo.

Breen virou-se e apontou.

— Eu enfrentei-a, mas deixei-me levar pelas minhas emoções, pela fúria e pela necessidade de a ferir e castigar, em vez de acabar simplesmente com ela. Não voltarei a cometer esse erro.

— Tornaste-te feroz, *mo bandia*.

Feroz? Ela não tinha tanta certeza. Mas resoluta, sim. Havia-se tornado resoluta.

— Durante muito tempo vi-me como alguém comum... até menos do que isso. Agora sei o que sou e o que tenho, e usá-lo-ei. A tua preocupação para comigo distrai-te daquilo que precisas de fazer. Devias parar.

Tal como ela, Keegan viu os mais pequenos alinharem-se para o treino. *Jovens*, pensou ele com um misto de orgulho e pesar. E, pousando uma mão no punho da sua espada, recordou que também ele havia sido assim, feito o mesmo.

— Pensas que só te quero aqui por me preocupar contigo?

— É um dos fatores, mas também sou útil aqui e sabes isso.

— Sim, pois és. Ajudaste a sarar os feridos e a dar consolo; ainda o dás nas visitas que fazes aos enlutados. E absorves demasiado do seu sofrimento. É visível.

— Muito obrigada. Vou começar a usar encantamentos para melhorar o meu aspeto.

— És linda.

O modo como ele o disse, com tanta naturalidade, como se fosse simplesmente assim, fê-la estremecer de emoção.

— Até quando estás cansada, — disse ele, — e demasiado pálida e eu vejo a dor deles estampada no teu rosto.

— Tu fazes o mesmo. Sim, és *taoiseach*, e, sim, é o teu dever, mas é mais do que isso. Tu também sofres, Keegan.

— Não me tires isso. — Agarrou-lhe a mão antes que ela pudesse pou-sá-la sobre o seu coração. — Nem um bocadinho sequer. Preciso de o sentir, tal como preciso da fúria e do sangue-frio. Sei que ajudaste com os mortos e não desejava isso para ti.

— Também são a minha gente. Sou tão talamesa como americana. Provavelmente mais, se pensarmos bem.

— E, mesmo assim, não desejava isso para ti. Mandaste o Marco regressar e não te posso oferecer, não agora, o mesmo tipo de companheirismo aqui, num lugar que não é a tua casa, como a Irlanda ou o vale. Mal tive tempo para estar contigo, a não ser para fazer sexo e dormir... e foi mais para dormir do que para sexo, lamento dizê-lo. Creio que esta é a maior conversa que temos desde o fim da batalha.

— És *taoiseach* e tiveste reuniões do conselho, julgamentos. Sei que falaste com todos os feridos, com todos os que perderam alguém. Sei porque mo dizem. Há reparações a fazer, treinos e nem sequer consigo imaginar o que mais. Achas que espero que passes tempo comigo, quando tens tantas mais coisas para fazer e em que pensar?

Ele dirigiu-lhe o seu olhar intenso. Depois voltou a desviar o olhar para os campos de treino e para a aldeia.

— Não, tu não esperas isso de mim, e talvez por isso mesmo eu deseje poder dar-to. Continuas a ser um mistério para mim, Breen Siobhan. E tudo o que sinto por ti é outro mistério. Nem sempre isso me agrada.

Ele fê-la sorrir outra vez.

— Isso é frequentemente claro.

— Preciso de ti aqui, por todos os motivos que tu mesma referiste. Todos esses, sim, mas também preciso de ti aqui por mim. Também não sou obrigado a gostar disso, mas... estou a explicar, o melhor que consigo.

O facto de ele se dar ao trabalho de tentar deixou-a profundamente comovida.

— Estás a melhorar. As explicações. Nunca serás brilhante nesse departamento, mas creio que, com prática, podes tornar-te bastante competente.

Ele esboçou um sorriso.

— Uma pequena agulhoada, muito bem.

— Bem me pareceu. Gosto que precisem de mim. — Breen deslizou

os dedos pela trança de guerreiro que ele usava de um dos lados da cabeça. — Durante muito tempo ninguém precisou de mim... à exceção do Marco, do Sally e do Derrick. Mas isso é diferente. Então, por agora, dormir, fazer sexo e o que mais conseguirmos encaixar, basta-me.

— De momento, não posso oferecer mais nada. Tenho uma maldita reunião do conselho.

— Tudo bem. Daqui a pouco tenho de estar no campo de treino. Maldito tiro ao arco.

— Disseram-me que já não és tão patética como antes.

— Cala-te. Vai lá governar o mundo.

Ele segurou-a pelos cotovelos, pô-la em bicos de pés e beijou-a longamente, enquanto a bruma se dissipava e o sol se revelava.

— Mantém o *Trapalhão* junto a ti, está bem? E leva alguém... a Kiara, a Brigid ou quem quiseres... se fores à aldeia ou fazer alguma visita.

— Para de te preocupar.

— Preocupar-me-ei menos se fizeres essas coisas.

— Está bem. Preocupa-te menos. Vou buscar o meu arco e ser menos patética. Também acho que irei divertir-me mais do que tu.

— Quanto a isso não há dúvida. Mantém o cão por perto — repetiu ele, atravessando depois a ponte a passos largos em direção ao castelo, onde o estandarte ondeava a meia-haste.

Breen manteve-se ocupada, dia após dia, ajudando nas reparações — tanto mágicas como práticas —, e passou o maior tempo possível com a família de Phelin.

Uma família que também era sua, pensou à medida que as lembranças dos seus três primeiros anos de vida lhe vinham à memória. As grandes mãos de Flynn lançando-a no ar e fazendo-a soltar guinchinhos; Sinead a glacear bolinhos; correndo pelos campos com Morena, com Seamus e Phelin sempre a planearem aventuras.

Havia-se sentido tão em casa com eles como na quinta onde havia nascido.

Mas foi Flynn — guerreiro, membro do conselho e pai — quem rompeu finalmente a corda com que ela havia amarrado o próprio sofrimento.

Breen precisava de ar e de sossego. Depois de se conceder duas horas de madrugada para trabalhar no seu livro — e esperando ter mais duas ao final do dia —, levou *Trapalhão* a passear.

Só um bocadinho, uns momentos roubados, como ela o via, para não

fazer nada. Depois trabalharia em poções e talismãs com Rowan — membro do conselho e dos sábios — e com algumas bruxas jovens. Continuariam a reconstituir as provisões usadas depois da batalha.

A magia não se reduzia a um simples abracadabra; requeria esforço, habilidade, prática e intento.

Breen dedicaria também algum tempo à horta, para ajudar a recuperar os cultivos destruídos durante a batalha. Esperava conseguir convencer Sinead e Noreen a trabalharem consigo, para que apanhassem ar e sol, nem que fosse por uma hora.

Depois disso rumaria ao campo de treino, a parte do dia de que menos gostava. A espada e a luta corpo a corpo compunham a tortura daquele dia e ela já previa os hematomas.

Espantava-a o quão preenchidos eram os seus dias ali, como se sucediam rapidamente. Embora, para si, o castelo fosse infinitamente fascinante e o mar bravo, estimulante, tinha saudades da sua bonita casa de campo do outro lado, da quinta no Oeste de Talamh, dos amigos e da avó. E, podia admitir em segredo, da satisfatória rotina que havia desenvolvido desde que deixara Filadélfia tantos meses antes.

Mas, por enquanto, era necessária ali, na Capital, onde percebera que o simples facto de realizar as suas tarefas diárias dava esperança às pessoas depois de tanto que haviam perdido.

Breen deixou *Trapalhão* brincar na água sob a ponte e, através do vínculo que partilhavam, percebeu que, apesar de isso o deixar feliz, o cão sentia falta da baía, de correr pelos campos com os filhos de Aisling e de brincar com *Mab*, o cão-lobo irlandês que os vigiava.

Quando ele saiu da água para se sacudir, ela secou-o com uma simples carícia. O vento de novembro era fresco, cheirava a mar e a terra revolvida. Avistou algumas pessoas nas hortas de colinas e campos, ocupadas a dar de novo vida às culturas de inverno.

Breen havia trabalhado com outras sábias na recuperação do solo queimado e ensanguentado e agora via o fruto desse trabalho nas abóboras cor de laranja, nas chilas amarelas e nas couves verdes.

Flores e ervas prosperavam de novo. Viu colmo fresco nos telhados das casas, crianças a brincar em pátios dianteiros, pessoas passando os olhos pelas tendas e lojas da aldeia, fumo saindo de chaminés.

Vida e luz eram perseverantes, pensou. Acabavam sempre por desabrochar e brilhar, não obstante a escuridão. Não se apagavam facilmente como uma vela, mas flamejavam sem parar.

Ela desempenhava um papel nisso e faria o que fosse preciso para manter acesa essa chama.

Trapalhão avançou aos pulinhos e passou por baixo dos ramos de um salgueiro. Breen seguiu-o e encontrou Flynn sentado numa pedra com a cabeça de *Trapalhão* apoiada no seu joelho.

Ela não precisou de ver o sofrimento do homem, pois sentia-o como uma âncora no seu coração.

Ainda assim, ele sorriu-lhe enquanto afagava a poupa encaracolada de *Trapalhão*.

— Este cão é um doce.

— Pois é.

— E em breve ficará famoso em canções e histórias. Daqui conseguimos ver muita coisa: a aldeia e o seu movimento, os campos e as colinas, a sombra das montanhas. Se estivermos atentos, conseguimos ouvir o rumor do mar atrás de nós. A tua avó mandou colocar este banco antes de eu ter nascido. Muitas foram as vezes em que me sentei aqui com o teu pai, a refletir e a desfrutar do silêncio.

» E ali?

Flynn apontou e Breen aproximou-se.

— Naquela casa ali vivia uma rapariga por quem eu tive uma grande paixoneta nos meus anos de louca juventude. Isso foi antes da Sinead, claro, pois ela colocou-me um cadeado no coração impossível de quebrar. Mas a paixoneta foi bastante real enquanto durou e as lembranças que guardo são inofensivas e doces.

— Onde está agora essa rapariga?

— Casou-se com um agricultor e tiveram três filhos... não, quatro, creio eu. Vivem no interior e vêm cá para trocar géneros e comerciar. Vem sentar-te um instante. Apeteceu-me apanhar um bocado de ar.

Breen hesitou, mas o instinto disse-lhe que, naquele momento, ele precisava tanto de companhia como do ar. E quando Flynn pousou uma mão na sua, depois de ela se sentar ao seu lado, ela sentiu o seu coração e percebeu que estava certa.

— Quando o teu pai e eu éramos miúdos e vivíamos no vale, eu ansiava pela Capital, por esta azáfama. Não era agricultor, não como o Eian nem como o meu pai. Nem tinha a habilidade do meu pai para construir coisas. Havia a música, claro. Ah, era algo que me ligava estreitamente ao Eian. E como eu adorava o tempo que passávamos nos *pubs*, aqui ou do outro lado, a tocar. Eu, o Eian, o Kavan e o Brian... sempre foram irmãos para mim. Mas

eu queria a vida de guerreiro, a verdade é essa. Formar uma família com a Sinead no vale foi algo precioso, trouxe-me felicidade e paz também. Durante um tempo. — Virou-se para olhar para ela. — A tua mãe fez o teu pai feliz. Devias saber isso.

— Eu sei. — *Durante um tempo*, pensou Breen.

— Mas tu, coelhinha ruiva, tu eras o batimento do seu coração, a luz da sua alma. Quando Odran te raptou... Um homem mais fraco poderia ter enlouquecido e deixado que essa loucura e o medo o dominassem. O Eian não era um homem fraco, por isso trancou o coração a cadeado e usou a sua mente, o seu poder, a sua força. Como tu fizeste, quando eras pouco mais do que um bebé. Como tu fizeste — murmurou Flynn.

— A sua mãe levou-me de volta a casa e a Sinead embalou-me e cantou para mim. Agora lembro-me de tudo com muita clareza; como elas me fizeram sentir de novo segura depois de eu ter sentido tanto medo. Quando regresssei pela primeira vez, a Nana ajudou-me a ver, no fogo, como ela e o meu pai lutaram naquela noite. E... o senhor, com as suas grandes asas e a sua espada. Lutou por mim, por ele, por Talamh.

— Foi uma noite terrível e brutal, mas eu almejava ser guerreiro e teria morrido por ti, por ele, por Talamh. Foi uma escolha minha. Mas sobrevivi. Perdemos o Kavan naquela noite.

— Eu sei.

— Era um irmão para mim. Depois perdemos o Brian e também o Eian. As suas mortes, dos meus irmãos, arrancaram pedaços de mim, como a morte sempre faz. Mas eu sobrevivi; fui guerreiro, marido, pai e avô também, pois arranjamos sempre maneira de viver sem os pedaços que a morte nos leva. Honramos a morte dos nossos vivendo, fazendo e resistindo.

— Eu sei que é isso que faz. — Breen olhou para o horizonte, tal como ele. Um coelho, cinzento como os seus olhos, atravessou um campo aos pulos em direção a uma fila de couves para trincar. — Eu nunca tinha perdido ninguém próximo. Pensava que o meu pai me tinha abandonado simplesmente.

— Ele nunca o faria. Nunca.

— Agora sei isso, assim como sei que honram a morte daqueles que amam vivendo, fazendo e resistindo.

— Eu ocupo o meu lugar no conselho e faço o que posso para ser sensato e justo. Combato o que vier contra nós. Atualmente, Breen, sou o apoio da minha mulher, da mulher do meu filho, do irmão e da irmã, dos meus próprios pais. Estes braços têm de se fortes por eles, porque também eles perderam pedaços.

» Mas o meu menino, o meu filho que veio ao mundo pelas minhas mãos, partiu. O seu filho que está por nascer nunca conhecerá o pai. A sua mulher nunca mais sentirá os seus braços envolverem-na. A sua mãe nunca mais ouvirá a sua voz nem verá o seu rosto.

» Esses pedaços foram-se e não sei como viver sem eles.

Breen estava sem palavras, por isso abraçou-o simplesmente. Não podia fazer desaparecer o seu sofrimento, nenhum poder era capaz disso, mas deixou que a dor esmagadora a penetrasse, para que, pelo menos, a partilhassem.

— O Flynn é um guerreiro — disse ela finalmente. — É marido, pai e avô. Resistirá. Todos os pedaços que a morte lhe levou serão preenchidos pela luz dos desaparecidos. A luz do Phelin está dentro de si e sempre estará.

As lágrimas ameaçavam transbordar, mas controlou-as.

— Consigo sentir a luz dele dentro de si. E a do meu pai também. — Breen recuou o suficiente para pousar uma mão sobre o coração de Flynn e, fitando-o nos olhos, transmitiu-lhe o que estava a sentir. — É tão brilhante que nem a morte consegue esbatê-la.

Flynn apoiou a cabeça no ombro dela e soltou um suspiro.

— Ele teria ficado muito orgulhoso de ti.

— A sua luz também está dentro de mim.

Flynn levantou a cabeça e afagou-lhe os cabelos.

— Eu vejo-o em ti e isso é um consolo. És um consolo para mim. — Deu-lhe um beijo na testa. — Agradeço às forças que me puseram aqui, neste momento, contigo. Coelhinha ruiva — murmurou ele antes de lhe dar outro beijo. Depois deixou-a sozinha debaixo do salgueiro.

E só, Breen teve vontade de desabar sob aquela dor partilhada, de desmoronar simplesmente sob o seu peso.

Aqui não, pensou. Podia ser vista por alguém. Saiu de debaixo dos ramos e chamou o seu dragão.

Sim, sim, santo Deus, precisava de ar, de se afastar, de se libertar.

Quando *Lonrach* pousou, subiu para o seu dorso vermelho com asas de pontas douradas.

— Espera aqui — disse a *Trapalhão*, antes que o cão pudesse subir atrás dela. — Espera aqui.

E *Lonrach* partiu disparado em direção ao céu. Subiram tão rapidamente que o ar fluíu velozmente sobre ela, agitando-lhe os cabelos e a capa. O vento tornou-se cortante quando subiram mais alto e atravessaram as nuvens e a humidade que estas continham. Quando, abaixo dela, Talamh tomou a dimensão de um brinquedo de criança devido à distância, gritou.

Gritou, libertando a raiva tão aferrada ao sofrimento, e sentiu o ar tremer, ouviu trovejar, viu relâmpagos faiscar. E não se preocupou.

Aquela raiva era sua, só sua, por cada gota de sangue derramado, por todas as lágrimas, toda a perda. A escuridão e a luz, as duas faces da sua raiva, chocaram e no céu formou-se um turbilhão, as nuvens desfizeram-se em lágrimas. Breen ergueu os braços bem alto, cerrou os punhos e acolheu a tempestade.

— Maldito sejas! — gritou. — Juro por todos os deuses, pelo meu pai, pelo Phelin e por todos os outros, que te matarei.

Desceu com *Lonrach*, mostrando-lhe aonde precisava de ir, aonde ainda não tivera forças para ir desde aquele dia sangrento.

Quando o dragão aterrou na floresta, com as árvores açoitadas pelo vento e a chuva a cair com força, ela saltou para o chão para encarar a Árvore das Serpentes. O seu sangue havia aberto aquele portal, trazendo o inferno a Talamh; ela, a avó e Tarryn haviam-no fechado com sangue das três.

Breen recorreu ao seu poder mais profundo, levantou o rosto em direção à tempestade e fundiu-se nela. E ficou, acesa como fogo, dentro e fora de si mesma.

— Escuta-me, Odran maldito. Escuta-me e treme. Sou Breen Siobhan O’Ceallaigh. Sou filha dos fééricos, dos homens, dos deuses. Sou luz e escuridão, esperança e desespero, paz e destruição. Sou a chave, a ponte, a resposta. E com tudo o que sou, acabarei contigo. O teu sangue ferverá nas tuas veias, a tua carne queimará e todos os mundos ouvirão os teus gritos de medo e dor. Escuta-me, Odran. Assim como os deuses te expulsaram outrora, reduzir-te-ei a cinzas que nem o inferno aceitará. E tu serás nada. É este o meu juramento. É este o meu destino.

A luz saía em turbilhão das suas mãos erguidas, os seus olhos estavam tão escuros e ferozes como a tempestade.

— Breen. Afasta-te daí.

Ela virou subitamente a cabeça para trás e o seu poder, também. Keegan teve de levantar ambas as mãos para bloquear o suficiente para se manter de pé.

— Afasta-te — repetiu ele. — Queres arriscar abrir o portal com a tua fúria?

— Não se abrirá, mas ele consegue ouvir-me.

— Já disseste o que tinhas a dizer, agora afasta-te. — Por Breen se encontrar demasiado perto do portal, com o poder a fluir de si, onda atrás de onda, ele aproximou-se a passos largos.

Quando segurou no braço dela, a descarga de poder abalou-o, mas ele puxou-a para trás.

Encharcado, *Trapalhão* ganiu quando ela fitou com poder e fúria os olhos de Keegan.

— Pensas que consegues deter-me?

— Se tiver de ser. — Keegan colocou-se entre Breen e o portal e viu alguma da fúria transformar-se em confusão. — Tens de parar agora.

— O quê? Parar o quê?

— Tu invocaste a tempestade, agora acaba com ela.

— Oh, meu Deus. — Breen levou uma mão ao rosto e estremeceu. — Lamento. Lamento. — A tremer, Breen desceu ao solo. — Lamento imenso.

O vento parou de repente; a chuva cessou. O poder que vibrava no ar desvaneceu-se.

— Não tinhas nada que vir aqui sozinha — começou ele, mas ela enroulou-se numa bola e começou a chorar.

Despejada de raiva, já só lhe restavam as lágrimas.

Keegan agachou-se e *Trapalhão* aproximou-se a correr para gemer baixinho encostado a ela.

— Está tudo bem. — Acariciou-lhe os cabelos, as costas e os ombros para a aquecer e secar. Depois abraçou-a, procurando as palavras, mas só lhe ocorreu: — Está tudo bem.

— Lamento.

— Já disseste. Está feito e acabado. Chora, se quiseres, até também isso estar feito e acabado.

— Estive com o Flynn e ele... Não consegui conter-me mais. Não podia continuar a trancar isto dentro de mim. Precisava de...

— Gritar com os deuses.

Quando ela levantou a cabeça, ele inclinou a sua.

— Suponho que te tenham ouvido até ao Extremo Oeste.

— Oh, que estúpida, que estúpida. — Breen tapou o rosto com as mãos. — Eu não devia... assustei toda a gente quando...

— Assustaste? Mulher, somos talameses; não somos nenhuns fracotes para nos assustarmos quando um dos nossos liberta o seu poder. E um poder como aquele que libertaste... bem, há que sentir regozijo por isso. Agora, a tempestade foi um bocadinho exagerada; as pessoas terão de correr atrás da roupa que voou dos estendais e assim.

— Eu...

— Não voltes a repetir, pelos deuses, é cansativo. Prometeste-me que não virias para aqui sozinha.

— Não era essa a minha intenção. — Breen soluçou outra vez e abanou

a cabeça. — Quer dizer, não estava nos meus planos. Acho que enlouqueci por momentos.

— Por uma hora, no mínimo. Demorei um bocado a encontrar-te e teria demorado mais sem este aqui. — Afagou *Trapalhão*. — Ele foi buscar-me. Eu estava prestes a sair em tua busca, antes de o céu ter desabado. Imagino que estejas exausta, depois de toda aquela energia libertada e dos litros de lágrimas que verteste. Podemos partir amanhã de manhã em vez desta tarde.

— Partir? Para onde?

— Para o vale. — Keegan levantou-se e estendeu uma mão para a ajudar a levantar-se.

— Não. Keegan. — Breen levantou-se rapidamente. — Eu precisava de me libertar ou de desabafar, ou simplesmente... — Olhou de novo para o portal. — Precisava de que ele soubesse. Mas não me podes mandar de volta só porque eu tive... um episódio.

— Um episódio? Foi a primeira vez na vida que vi ovelhas a voar.

— Oh, meu Deus.

— Não sofreram nada. E embora eu pudesse mandar-te de volta, pois sou *taoiseach* e podia fazê-lo, a verdade é que precisam de mim noutra sítio e já dediquei o tempo necessário à Capital. Por agora. Tu irás comigo porque preciso e sei muito bem que tu também precisas.

— Sim. — Breen abraçou-o e encostou a cabeça ao ombro dele. — Sim, precisamos disso. Podemos ir já?

— Podemos. Depois de nos limparmos, podes fazer as tuas despedidas e arrumar o que precisas de levar. E não me importaria se avisasses o Marco através do espelho, para que ele pudesse preparar-nos uma refeição. As al-môndegas dele saber-me-iam muito bem esta noite.

— Está bem. — Breen expirou. — Deixa-me fazer um encantamento para não perceberem que estive a chorar.

— Não. — Keegan agarrou-lhe na mão. — Todos ouviram o teu sofrimento, deixa-os vê-lo. Deixa-os verem-te. E deixa-me dizer-te que Odran não tem hipótese nenhuma contra a mulher que eu vi hoje ali, a arder como um milhar de velas. Nenhuma.

» Agora, vamos. O dia está a acabar.



CAPÍTULO DOIS



Breen fez as suas despedidas e guardou no saco as mensagens da mãe de Morena e da de Keegan destinadas às suas filhas. Ao sentar-se com *Trapalhão* no largo dorso de *Lonrach*, recordou o voo desenfreado para a Capital, a urgência e o medo que a haviam precipitado para oeste.

Agora voava para casa, transformada para sempre.

Conhecia o que se estendia sob as asas de *Lonrach*. Conhecia as colinas verdejantes e os vales férteis, o cheiro das florestas densas, a majestosidade dos cumes das montanhas. As aldeias, as casas, as grutas e todos os seus habitantes.

Viu, abaixo das nuvens, um cavalo e respetivo cavaleiro a galope e uma mulher de capa com um cesto no braço. Mais adiante, viu um veado, régio como um rei, parado na orla de uma floresta, e, mais além, uma mulher à beira de um riacho, de linha submersa na água e um bebé envolto numa manta ao seu lado.

Haveria *trolls* a minar as profundas grutas das montanhas e crianças na escola entediadas com as suas aulas e sonhando com aventuras. Haveria agricultores a verificar as culturas de inverno e a afiar os seus arados; mães a aconchegar os seus pequenos para a sesta.

E guerreiros a treinar incansavelmente, aperfeiçoando os seus talentos para protegerem colinas e vales, montanhas e riachos, e todos os seus habitantes.

Agora, ela era parte desse mundo como nunca fora, apesar da sua magia, do sangue partilhado e do conhecimento. Porque agora havia lutado, matado e sangrado por Talamh.

Olhou para Keegan, tão alerta e tão intenso. Um homem impaciente que, contudo, tinha reservas infinitas de paciência. Um homem duro que, no seu âmago, era feito de bondade. Não podia haver maior contradição.

Mas era a mais pura verdade, decidiu ela, pois ele estava disposto a lutar, matar e sangrar pelo que era mais importante naquele mundo.

A paz.

Aproximou um pouco mais *Lonrach* de *Cróga* para poder fazer-se ouvir com o vento.

— O que se segue?

Ele olhou para ela, mas apenas por um instante, antes de continuar a perscrutar a terra, o ar, o mar distante.

— Vais voltar aos treinos de magia e de combate, como antes.

— Não, eu queria saber para já.

— Isso será já e amanhã e depois. Temos tempo, mas não podemos desperdiçá-lo. Odran perdeu mais do que nós. Não sofrerá como nós, pois os demónios e os condenados que mandou para nos destruir não têm qualquer importância para ele. Mas ele perdeu poder.

— Ele tem de reunir forças de novo. Isso poderá demorar, semanas, meses, até anos.

— Anos, não. Desta vez, não.

— Porque eu estou aqui.

— Ele estará a pensar que esteve muito perto de te levar e de sugar tudo o que tens. Tu, que és a chave, a ponte, filha de homens, feéricos e deuses, tens tudo o que ele cobiça. Estará a pensar que esteve muito perto de levar tudo o que quer e de fazer chover vingança em todos os mundos. — Olhou de novo para ela. — Mas está enganado. Está mais longe do que antes.

— Porquê?

— Por causa de tudo o que és. Bem, queres ir para o vale ou para a tua casa? Levar-te-ei aonde quiseres antes de rumar a sul.

— Vais para sul?

— Tenho compromissos que não pude cumprir enquanto era preciso na Capital. Foi Mahon quem se encarregou das reparações, da demolição da Casa de Oração e da construção do memorial em homenagem aos mortos. Preciso de mostrar ao Sul que o *taoiseach* se lembra do que aconteceu.

— Então quero ir para o Sul.

— Há semanas que não vais a casa.

— Nem tu. Não, não sou *taoiseach* — disse ela antes que ele o dissesse. — Mas disseste-me que os deixasse ver a minha dor. Que os deixasse ver-me. Isso era apenas para os que vivem na Capital?

Keegan fez silêncio por um momento, limitando-se a observá-la. Depois, anuiu com a cabeça e virou para sul.

— O calor será uma agradável mudança — disse ele em tom de conversa.

— Também não me importava, mas o frio não me incomoda. Gosto de ver o que faz às árvores. O verde dos pinheiros parece escurecer com as cores que brotam dos carvalhos e dos castanheiros, dos áceres. As luz muda, as noites ficam mais longas. Os veados adquirem a sua pelagem de inverno. Nunca esperei ver o outono aqui, nem que o inverno chegasse tão depressa. Não quando cheguei à Irlanda, nem mesmo quando atravessei pela primeira vez para Talamh.

Breen apontou para um par de cavaleiros de dragão atravessando o céu rumo a norte.

— São nossos — disse-lhe ele. — Estão a patrulhar.

— Nossos. Odran não tem dragões — constatou ela.

— Pois não. Ele não consegue convertê-los nem escravizá-los como faz com alguns feéricos. São seres puros.

— E se ele converter o seu cavaleiro?

— Os dragões não se deixam converter, nem mesmo pelo seu cavaleiro. Sofrem e muitas vezes morrem de tristeza se os seus cavaleiros se convertem a Odran. Se o cavaleiro for escravizado, contra a sua vontade, eles esperam.

Enquanto voavam, Keegan acariciou as suaves escamas de *Cróga*.

— Ele destruí-los-ia a todos se pudesse, porque nunca serão seus. Olha — disse ele, gesticulando. — O Sul e o seu mar.

Ainda estavam distantes, mas Breen viu a mais azul das águas estendendo-se até ao infinito e as praias douradas que a orlavam.

Viu fadas em voo e ovelhas nas colinas verdejantes que se alçavam e estendiam em direção ao sol. Viu uma densa floresta que se estendia para lá da areia.

Numa colina, acima das praias e da aldeia desordenada, ela viu um grande dólmen, branco como cal.

— É o memorial?

Keegan contornou-o em voo para o observar de todos os lados.

E, sim, lembrou-se.

— Ali estive, anos a fio, a Casa de Oração, concedida aos devotos depois de muitos da sua fé... e esta é a palavra errada, pois não foi a fé que os fez torturar, perseguir e matar. Mas foi-lhes concedida, em tratado, em troca do seu juramento de se dedicarem a boas ações. Toric e a sua gente serviram-se deste presente, deste perdão, para trair todos. Para eles, não haverá perdão, e a casa que albergava o seu mal foi destruída, o solo onde se encontrava foi consagrado.

» O dólmen foi erguido em homenagem ao sacrifício daqueles que deram a vida para proteger tudo.

— É lindo. — *E triste*, pensou ela. *Como sofrimento congelado em pedra.*
— É tudo lindo; o mar, as praias, a aldeia. O que vimos no fogo no Samhain foi duro, brutal e corajoso. Vi-te lutar ao lado do Mahon, do Sedic e de todos os outros. Agora, está lindo outra vez.

— Talamh resiste, porque assim tem de ser.

Keegan guiou *Cróga* até à colina, desceu de um salto e esperou que *Trapalhão* fizesse o mesmo antes de estender uma mão para ajudar Breen. Ela agarrou-a e, embora consternada, saltou para o solo.

— Vamos deixá-los voar um bocado e procurar um lugar para descansar. Virão quando precisarmos deles.

— E ele também. Vai lá — disse Breen a *Trapalhão*, que saltitava.

O cão saiu disparado colina abaixo, atravessou a praia e entrou na água. Uma jovem sereia emergiu da água com uma gargalhada e voltou a mergulhar para brincar com ele.

— Ele encontra sempre diversão. — Breen virou-se para o dólmen. — É poderoso, um símbolo poderoso. Reverente. — Pousou uma mão num dos esteios, que eram mais altos do que dois homens. — E quente ao sol.

Breen recuou quando Mahon se aproximou a voar. O braço-direito e cunhado de Keegan fechou as asas quando pousou.

— Bem-vindos, chegaram na hora certa. Colocámos a laje do topo esta manhã.

— Bom trabalho — disse-lhe Keegan. — Como vão os trabalhos de reparação?

— Estão quase concluídos. Mallo e Rory proferiram palavras desagradáveis quando roubaste a Nila. — Sorriu e acariciou a sua barba cor de mogno. — Não as repetirei. Mas fizeram maravilhas, mantiveram o ritmo de trabalho constante. Podes constatar por ti mesmo, a aldeia prospera de novo e os que vêm passar férias divertem-se tanto como aquele cão ali em baixo.

Como Breen havia feito, Mahon pousou uma mão na pedra.

— E isto serve para lhes lembrar porque o podem fazer.

— Não resta nada de Toric nem da sua gente aqui — disse Breen. — Aqui, onde o solo está fértil e verdejante de novo e o dólmen se ergue em homenagem e memória dos bravos, dos inocentes. E para todo o sempre ficará de pé, como os feéricos.

Acometida pela magia, pelo que se agitava dentro dela, Breen passou por entre dois esteios e parou sob a tampa.

— Mas quando eles olharem para esta colina, quando caminharem sobre a erva, não deverão sentir apenas tristeza. Deverão...

Breen calou-se, levantou uma mão e abanou a cabeça.

— Não, deixa fluir — exigiu Keegan. — O que vês?

— Antes de mais, sinto. Um poder branco, luminoso e forte, que vive nas pedras, no solo debaixo delas. Sinto o ar e o sol quente na minha pele. Ao cair da noite, as duas luas erguem-se sobre o grande monumento em memória dos bravos, dos inocentes, dos perdidos. É uma homenagem de verdadeira fé.

» Ali, três árvores que florescem na primavera, como floresce a esperança, mesmo quando o vento faz cair as suas flores para cobrirem o solo. Frutificam no verão, um período de abundância, e as suas folhas explodem com cor quando a roda dá passagem ao outono, pois assim é o ciclo. E enquanto caem, realizando a sua dança no ar, a roda gira e gira até voltarem a florescer.

Breen saiu de debaixo do dólmen.

— O lago, com água cristalina que transmite paz a quem a bebe. E sobre a grande pedra, o fogo eterno em cujas chamas vive força e propósito.

» E assim, todos os que contemplarem este lugar ou caminharem sobre a erva perceberão os quatro elementos unidos pela magia. Todos os que vierem prestar homenagem aos bravos e aos inocentes sentirão esperanças renovadas, pois saberão que a morte não é apenas fim; que vida, amor e luz se renovam. — Estremeceu uma vez e passou as mãos pelos cabelos. — Isto foi... demasiado. Lamento, não quero...

Calou-se quando Keegan levantou simplesmente uma mão para que parasse.

— Faremos com que assim seja. Mahon, vamos precisar de fadas para trabalharem nas árvores de fruto, de um pedreiro para construir o lago e de bruxas para o encher. Envia para cá um elfo com um caldeirão de cobre, por favor. Depois, volta para junto da tua mulher e dos teus filhos. Se eu chegar ao vale antes de ti, a Aisling vai dar-me uma tarefa e eu preferia evitar isso.

— Terei todo o gosto em fazer o que me pedes. Vemo-nos lá em breve?

— De manhã, se não for antes.

Mahon virou-se para Breen e beijou-lhe a face.

— Não vejo o que vês, mas estou desejoso para que isso aconteça.

Depois de ele levantar voo, Breen entrelaçou os dedos.

— Keegan, se eu me excedi...

— Eu disse isso? Acho que estás certa, por isso fá-lo-emos assim.

— Mas isto era o que tu querias, o que tu viste.

Keegan observou o dólmen com as suas pedras brancas. Sim, pensou, havia-o idealizado exatamente assim.

— Visualizei-o sob o efeito da dor e da raiva. As pedras ficam, pois estava certo quando as mandei erigir aqui. Mas isso não basta e, quanto a isso, tens razão. Sem esperança, a dor destrói a força para continuar a viver, a lutar e resistir.

» As fadas trarão as árvores, teremos o lago e tu e eu faremos o fogo eterno.

— Eu nunca... Não sei se o saberei fazer.

— Sabes, saberás como o fazer. Afinal, é a tua visão. Mesmo no escuro, haverá luz. Agarrar-nos-emos a isso.

Quando o rapaz chegou com o caldeirão, grande e reluzente sob o sol, Keegan fê-lo subir no ar e pousar no centro da tampa.

— Bom trabalho — disse ele ao rapaz. — Escolheste bem.

— O Mahon disse que tinha de ser grande. — O rapaz sorriu. — Posso assistir, *taoiseach*?

— Claro. — Keegan olhou para o rapaz. — Espera. Corre lá abaixo e diz a todos que venham assistir. Que venham ver o *taoiseach* e a filha dos feéricos acender o fogo eterno neste lugar de memória.

O rapaz soltou um grito de alegria e desapareceu a toda a velocidade.

— Fantástico. Agora terei assistência.

— Breen Siobhan, — disse Keegan, a perder a paciência, — preocupas-te com ninharias. Vieste para ser vista e tinhas razão a esse respeito. Agora serás vista. E os que testemunharem isto jamais esquecerão. Os que testemunharem este acontecimento contá-lo-ão aos filhos que ainda não nasceram. E todos os que aqui vierem lembrar-se-ão de que o *taoiseach* e a filha dos feéricos se insurgiram pelos bravos, pelos inocentes, por todos. Que nos insurgimos contra a escuridão, tal como eles, e trouxemos a luz.

— Tens jeito para isto — murmurou ela. — Às vezes esqueço-me do quão bom és a desempenhar a função de *taoiseach*.

— É apenas bom senso.

— Não, é liderança. — Breen sorriu quando *Trapalhão*, como se soubesse, correu colina acima na sua direção. — Além disso, se eu estragar isto, a culpa será tua.

As pessoas reuniram-se no sopé da colina. Breen viu-as sair de lojas e casas, interromperem o seu trabalho para levantarem os olhos. Casais e famílias que haviam passeado pela praia ou mergulhado nas ondas observavam-nos agora. Os seres do mar flutuavam no azul sem fim ou deslizavam sinuosamente sobre as rochas.

Os homens sentavam os mais pequenos nos ombros; as mulheres equilibravam bebês sobre as ancas. Na sua mente, Breen conseguia ouvi-los: *Observem, observem bem. E recordem.*

— Agarra a minha mão — ordenou Keegan. — Estás demasiado nervosa, filha de Eian O'Ceallaigh. Deixa brotar, deixa vir. Diz as palavras. As palavras estão dentro de ti.

Estavam, sem dúvida. Breen sentiu o poder pulsar dele para ela, dela para ele. Os poderes uniram-se, fundiram-se, duplicaram. E as palavras chegaram.

— Este poder, velho como o fôlego, viemos invocar, para vida e morte honrar. Da centelha à chama, da chama ao fogo, para arder e brilhar e assim inspirar. Temos uma dívida que não será esquecida.

— Eis a luz, — continuou Keegan, — que dia e noite fulgurará e eternamente nos céus se alçará. Não haverá dilúvio nem vendaval capaz de apagar a chama aqui acesa para o nome deles honrar.

E com o poder soprando através de si como um vendaval, Breen, como Keegan, levantou a mão livre em direção ao caldeirão e libertou-o.

— Acende-te, — disseram em uníssonos, — arde e brilha, luz eterna. — O fogo alçou-se, dourado, puro e forte, em torres de chamas sem fumo. E a sua incrível beleza trouxe lágrimas aos olhos de Breen.

— Brilha para sempre, para que toda a gente veja — disseram. — E de acordo com a nossa vontade, assim seja.

Das praias abaixo, dos pátios das casas e das portas das lojas eclodiram gritos de alegria.

— Então, nada de lágrimas. — Keegan apertou-lhe a mão com força. — Este não é um momento de sofrimento, mas de homenagem. Um momento de força, não de choro. Agora vira-te e mostra-lhes quem és.

Ela esforçou-se por conter as lágrimas e fez o que ele lhe pediu.

Keegan levantou a espada e os que assistiam berraram quando o aço afiado de *Cosantoir* reluziu como o fogo atrás deles.

— Pelos bravos e pelos inocentes — gritou ele. — Por Talamh e por todos!

— Não sei o que fazer agora.

— Porque já está feito. — Keegan embainhou a espada. — Chama o teu dragão. Está na hora de voltar a casa.

Os gritos de alegria continuaram quando Breen e Keegan sobrevoaram a praia e se afastaram. Ela olhou para trás, para o fogo que tinha vindo de dentro de si.

Não, nunca esqueceria.

Passou primeiro por casa de Marg e, embora o ar estivesse fresco, a porta

em azul-vivo estava aberta para a receber. *Trapalhão* soltou um latido de alegria e correu para o interior da casa.

Breen seguiu-o e encontrou Marg na cozinha, dando já uma guloseima ao cão. O fogo crepitava, a chaleira fumegava no fogão e o cheiro a bolos enchia o ar.

Todas as suas emoções brotaram num turbilhão. Breen pensou: *Estou em casa*. E lançou-se nos braços de Marg.

— Está tudo bem — disse Marg, abraçando-a com força.

— Senti a sua falta. Estou tão feliz por a ver.

— E eu a ti. Mas não é só isso. — Marg recuou para estudar o rosto de Breen. — Vais contar tudo à avó. Vem sentar-te. Tomaremos um chá com biscoitos de gengibre e contas-me o que se passou.

— Não me tinha apercebido, não completamente, até chegar aqui. Tem sido tudo muito intenso. Aquele dia... o combate, o sangue, o Phelin e tudo o resto. Há vezes em que tudo não passa de um borrão, e outras em que cada momento parece cristal cortado. E o depois, tudo o que vem depois... Pergunto-me como é que as pessoas conseguem seguir em frente, Nana. Mas seguem. Seguem com as suas vidas, mesmo sabendo que terão de passar por tudo de novo.

— Senta-te e deixa-me mimar-te um bocadinho. — Marg aqueceu o bule de chá com as mãos. — Quando eu perdi o meu filho, quando o Eian morreu, perguntei-me como poderia continuar a viver. Tu estavas do outro lado, sem nenhuma memória de mim, e o meu filho tinha sido morto pelo próprio pai. Como podia eu continuar a viver? Como podia eu andar, falar, comer ou dormir? Mas fi-lo.

Breen sentou-se e viu Marg colocar biscoitos num prato. A avó tinha os cabelos ruivos apanhados e usava umas calças, uma camisola verde e botas que indicavam a Breen que havia estado no jardim.

— A senhora é muito forte.

— Mas não fui. Fiquei destroçada, no meu coração e na minha alma, e quase na minha mente. Cortei o cabelo — murmurou ela, olhando para trás. — Extremamente curto. De noite saía para vaguear, na floresta, na baía, em qualquer lugar, sem rumo. O Sedic pensava que eu não sabia que me seguia em forma de gato, caso eu precisasse dele. Nunca falámos do assunto. Ele também sofreu muito. O Eian era um filho para ele. Durante um tempo não fui capaz de partilhar com ele a minha dor, recusei-me a aceitar que partilhar a dor seria uma maneira de a atenuar para ambos, os pais do Eian. Fui egoísta com a minha dor.

— Nana.

— Necessitei de o ser, durante uns tempos. Necessitei desse egoísmo e dos passeios sem rumo. O que é necessário é necessário — disse ela enquanto levava o bule e as chávenas de chá para a mesa. — E paciente, o Sedic esperou que eu voltasse para ele e que o deixasse voltar para mim. E eu fi-lo, passado um tempo. E assim passeámos, conversámos, comemos e dormimos. Vivemos.

— Ainda bem que se têm um ao outro.

— Ele é o amor da minha vida e para lá desta vida. Agora, conta-me.

Enquanto tomavam chá e comiam biscoitos, Breen contou que havia tentado oferecer consolo e ajudado a devolver vida aos campos queimados, falou da conversa com Flynn e da tempestade que se seguira.

— Creio que... não estava preparada, não estava pronta para tudo isto. Quando olho para trás, vejo que a minha vida era simples e protegida. Não, eu não era feliz, não verdadeiramente, mas levantava-me de manhã e ia trabalhar, regressava a casa, corrigia trabalhos e planeava aulas. Tinha o Marco, o Sally e o Derrick e podia passar completamente despercebida.

— E aqui não estás protegida e as coisas não são tão simples. És notada, observada. És feliz, *mo stór*?

— Sim. — Breen pressionou os dedos sobre os olhos e baixou as mãos.

— Sim, apesar de tudo o que aconteceu e que poderia acontecer, há muito tempo que não era tão feliz. Tenho tanta coisa. Tenho-a a si. — Breen segurou na mão de Marg. — Tenho-a a si. E o que tenho dentro de mim, que me traz tanta alegria. Mas o que fiz na Capital esta manhã... ainda esta manhã — constatou subitamente. — Foi imprudente. Deixei-me dominar pelo meu poder. Não consegui controlá-lo.

— O que é necessário é necessário — repetiu Marg. — Alguém ficou ferido?

— Não, mas...

— Ah. — Marg levantou um dedo. — Confias em mim?

— Completamente, em tudo.

— Então escuta-me. O que tu tens, o que tu és, só fará mal à escuridão, àquilo que constitui uma ameaça. Sei-o porque és do meu sangue. És filha do meu filho.

— Parte de mim vem dele, de Odran.

— Como era parte do Eian. Ele engana-se a teu respeito, engana-se ao pensar que pode usar essa parte. É precisamente essa parte que acabará com ele, *mo stór*. Poderes fazer mal é uma preocupação para ti?

— Não o era até esta manhã. Foi como o que se passou com Toric e o julgamento. Foi simplesmente avassalador. A mesma intensidade, a mesma força.

— Assusta-te um bocadinho.

— Sim.

— É normal. O poder é algo selvagem e, quando mal utilizado, pode consumir aquele que o detém. Mas se for demasiado controlado, acaba por enfraquecer e diminuir. Praticaremos e trabalharemos, mas, no final, terás de encontrar o teu próprio equilíbrio.

Breen sentiu todos os nós de tensão desfazerem-se.

— Esta é apenas uma das razões pelas quais senti a sua falta. A senhora mantém-me equilibrada. E o vale. Voltar ao vale acalma-me. A Capital é linda e cheia de vida, mas...

— Não é a tua casa.

— Não é a minha casa. Já vi o Sul e é lindo, animado e tranquilo ao mesmo tempo, mas... Ah, quase me esquecia. O monumento.

— Eu e o Sedric fomos ao Sul há dois dias. O Keegan enviou um falcão a pedir-me que fosse ajudar a erguer o dólmen, pois não podia deixar a Capital ainda. É uma recordação bela e sóbria do que foi perdido e do que foi derrotado.

— Sim. — Breen passou a mão pelos cabelos. — Talvez eu tenha cometido um erro, talvez devesse ter permanecido bela e sóbria.

— O que queres dizer?

— Quando eu e o Keegan lá estávamos, senti e vi... algo diferente. Algo mais.

— O que mais viste?

— Vi... Posso mostrar-lhe? No fogo?

Breen levantou-se, dirigiu-se para a lareira, estendeu as mãos e esperou que Marg se juntasse a si.

— Vi isto.

Primeiro, a primavera, com as árvores a florescerem em tons de rosa e branco, o pequeno lago aos pés do dólmen refletindo a pedra e a luz, e o fogo de chamas douradas. Depois, as flores caindo para cobrirem o solo e os frutos brotando, crescendo, amadurecendo, as folhas tingindo-se de vermelho e ouro antes de caírem e deixarem os ramos nus.

Durante todo esse tempo, o fogo dourado cintilando sem cessar.

Marg levou uma mão à boca e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Foi isto que viste?

— Com muita clareza, Nana. O Keegan e eu fizemos o fogo antes de partirmos e...

Marg virou-se simplesmente para a neta e abraçou-a.

— Esta visão não foi apenas fruto do teu poder, mas de amor e compaixão. Isto é o teu pai em ti, pois acredito, no fundo do coração, que ele teria visto a mesma coisa.

— Verdade?

— Sim. E bendito seja o Keegan por ter tido sabedoria suficiente para o compreender. Ele teve a sabedoria de demolir aquela casa do mal e de ter colocado no seu lugar as pedras, a força. Foi ainda mais sábio por te ter dado ouvidos e acrescentado a luz. Que dia tiveste.

— Parece-me uma semana.

— Então acompanhar-te-ei à Árvore de Boas-Vindas e irás para a tua casa.

— Ainda não vi a Morena, nem a Finola e nem o Seamus.

— Amanhã vais muito a tempo. Descansa esta noite. — Marg voltou atrás para ir buscar a sua capa e a de Breen aos cabides. — Dorme bem e aproveita a manhã para escreveres. O que é necessário é necessário — disse ela enquanto vestia a capa.

Breen reconheceu essa necessidade enquanto subia os pequenos degraus de pedra para a árvore e se virava para acenar a Marg. A quinta estava atrás de si, com fumo a sair das chaminés na luz minguante.

Ela adorava aquele lugar, adorava aquele ar e aquelas paisagens, mas necessitava do que a aguardava do outro lado.

Então, transpôs aqueles grandes ramos curvos e a pedra lisa e entrou na Irlanda.

Trapalhão começou aos pulinhos e a abanar a cauda como um metrónomo, inabalado pela chuva fina e fria que caía de um céu cor de chumbo.

A chuva também não incomodava Breen, que levantou o rosto para sentir as gotas e depois continuou a andar. O ar cheirava a terra húmida, a pinho encharcado. Em vez de fazer o habitual desvio para chapinhar no riacho, ou de correr para a frente e para trás, *Trapalhão* avançou pelo caminho.

— Estás desejoso de voltar a casa, não estás? — O cão olhou para ela, de poupa saltitante. — Ou talvez seja porque eu estou. Seja como for, chegaremos em breve. — Soltou um suspiro e inspirou. — Sentes o cheiro? Fumo de turfa, a baía, relva molhada.

Quando saíram da floresta, viu tudo isso; o fumo de turfa, a baía, a relva molhada, as suas ervas e flores. E a pequena casa de campo, com o seu telhado

de colmo, as robustas paredes de pedra, o pátio encantador e as luzes nas janelas.

E, tal como da primeira vez que a havia visto, encheu-a de felicidade. Era tudo o que sempre havia desejado.

Trapalhão não correu para a baía, mas para a porta. E ladrou.

Antes de ela lá conseguir chegar, Marco — com as suas belas tranças presas atrás e um pano de louça sobre um ombro — abriu a porta e a música escapou do interior.

Ele riu-se quando *Trapalhão* se apoiou nas patas traseiras para dançar.

— Estou a ver que tens jeito para a coisa. Vem dançar cá para dentro, ao abrigo da chuva. E aqui está a minha Breen!

— Marco. — Teria voado para ele, se pudesse, mas teve de se contentar com uma pequena corrida e um salto para os seus braços.

Ele tirou-a da chuva aos rodopios e deu-lhe um beijo ruidoso.

— O Keegan mandou entregar as tuas coisas há pouco. Tenho almôndegas de carne a ferver em molho de tomate porque sei que o teu homem tem uma predileção por este prato.

— Ele não é propriamente o meu homem.

— Por favor. — Beijou-a outra vez. — Tenho andado de olho em ti. O Brian está quase a chegar a casa e, quando ele e o Keegan chegarem, faremos uma festa. Mas, neste momento, tenho-te toda só para mim. — Despiu-lhe a capa, atirou-a para o cabide e voltou a agarrá-la para a fazer rodopiar. — Adoro este sítio. Seria louco se não adorasse. Mas não é a mesma coisa sem a minha miúda.

— Senti saudades desta casa, tuas e de todos, de toda a gente.

— Já preparei o teu portátil para poderes trabalhar quando te levantares antes de qualquer pessoa civilizada, e o teu blogue vai de vento em popa. Falaremos sobre isso tudo mais tarde. Agora vamos dar comida a este cão encantador e sentar-nos com um copo de vinho.

— Oh, sim. Façamos isso.

Breen rodeou-o com os braços e pensou: *Casa*. Estava em casa.

O facto de se sentir em casa em dois mundos diferentes devia parecer-lhe estranho, mas, para si, era uma dádiva.